

O Povo de Aveiro

Supplemento bi-mensal

SCIENCIA, ARTE E LITTERATURA

Propaganda social

Numero 8 — Anno I

ASSIGNATURA ANNUAL 300 REIS
AVULSO 10

Aveiro, 23 de outubro de 1910

Distribuido gratuitamente aos assignantes do POVO DE AVEIRO

Problemas

Duas outras questões importantes tratou, ainda, o congresso de educação popular: coeducação dos sexos e ignorancia da rapariga sobre as suas funções sexuaes.

Rapazes e raparigas devem ser instruidos e educados juntos ou separados? Juntos, concluiu o congresso, pois que:

«A coeducação dos sexos é biologicamente necessaria para assegurar na mulher a evolução sexual normal.

«Assim como a creança deve viver normalmente com outras creanças sob o ponto de vista social, assim os individuos de sexos diferentes, destinados a viver juntos na idade adulta, devem ser educados juntos durante a infancia e a adolescencia.

«Esta coeducação, favorecendo um convívio fraterno, quasi familiar e constante de rapazes e raparigas, daria ao conjunto dos costumes a serenidade desejada; longe de constituir um perigo afastaria a creança das curiosidades doentias e tornar-se-hia, nas sabias condições em que seria observado, uma garantia de preservação e alta moralidade.

«Esta educação não implica uma semelhança absoluta d'actividade; cada sexo, como cada individuo, deve conservar e desenvolver a sua personalidade.

«Mais especialmente na mulher, a coeducação dos sexos impediria muitos preconceitos e ideias falsas suggeridas pelo ensino actual, por exemplo, a pretendida superioridade do homem sobre a mulher. Conduziria a mulher a uma ideia mais justa do que vale, a uma comprehensão mais rapida e mais sã da vida, dos homens e do mundo, o que lhe daria a consciencia da sua responsabilidade; ensinaria a mãe futura a evitar muitos perigos na educação dos seus filhos.»

Em resumo, foram estas as considerações que moveram o congresso a votar a coeducação dos sexos. E, como em todas estas questões de reformas, se ha aqui pontos de vista exactos tambem ha outros falsos, de exclusiva theoria. Comtudo, não nos parece que nos povos do norte, mais calmos e muito mais educados que os povos latinos, a coeducação dos sexos dê maus resultados. Antes deve dar bons resultados. Nos povos latinos, e sobretudo em Portugal, deve ser de resultados desastrosos, se a instrução se prolongar até á puberdade. Na infancia já ella se tem executado e executada para ali, embora n'uma esphera muito limitada. Porem, como uma reforma racional de instrução necessariamente prolongará a idade escolar até á puberdade, então a mistura dos sexos n'um paiz d'estes, sensual e bestial, profundamente desmoralizado, desmoralização que não se arrancará tão cedo da alma nacional, será uma escola de prostituição e nada mais.

O congresso de Bruxellas, elle mesmo, onde predominavam os delegados dos povos educados, dos que caminham na vanguarda, estabeleceu a restricção: «A coeducação dos sexos será uma garantia de preservação e de alta moralidade, se em sabias condições for observada.» Ora toda a gente calcula as sabias condições de que em Portugal seria rodeada. Não obstante, como isto é um paiz de porca imitação, ahi a temos applicada com a grande republica, não tarda nada.

Outra questão grave debateu o congresso: a da ignorancia da rapariga, da futura mulher, sobre tudo quanto diz respeito ás funções sexuaes. Ahi, sim, o congresso teve razão absoluta condemnando profundamente a ignorancia, a estupidéz, o preconceito.

O congresso affirmou que a ignorancia da mulher sobre a sua physiologia particular e sobre a hygiene que lhe é especial, traria fatalmente, como até aqui, estas consequencias desastrosas:

1.º A porcaria, ponto de partida d'accidentes e de doenças.

2.º O terror que se apodera da rapariga com a aparição dos primeiros symptomatos da puberdade, terror que, junto á ignorancia, pode ter consequencias terriveis.

3.º A mulher adolescente succumbe inevitavelmente perante a má fé e as criminosas tentativas d'homens sem escrupulos se não estiver prevenida contra os perigos das ciladas e traições masculinas.

4.º O casamento é muitas vezes uma cruel aprendizagem da vida, uma brutal revelação sobretudo por a mulher não estar, a tal respeito, instruida.

5.º Emfim, a ignorancia da mulher pode-se tornar criminosa porque, alem da sua saude, é responsavel pela vida da creança que traz no ventre. O numero consideravel de creanças que nascem mortas e de nascimentos prematuros é um brado eloquente contra a ignorancia das mães e a sua imprudencia.

Mas quem ha de fazer essa educação sexual? Naturalmente, a mãe.

A mãe, porém, é d'uma ignorancia absoluta. Cheia de preconceitos, de velhos preconceitos, de hereditarios preconceitos, alem d'isso. E nem todas as raparigas teem mães, ou algumas, por desgraça, teem-nas de tal ordem, que melhor seria não as terem. E', pois, a escola, que deverá cumprir esse alto papel moralizador e educador. E' claro, quando haja uma selecção tal no professorado, quando os titulos d'ordem moral constituirem uma condição d'admissão ou de nomeação tão rigorosa que não haja professores nem professoras como tantas que infelizmente conhecemos.

Escreve Madame Kergomard:

C'est à elle (á escola) que doit revenir l'honneur de l'extirpation des préjugés pudibonds relatifs aux organes sexuels et aux fonctions de la reproduction, préjugés qui aboutissent à envelopper ces organes et ces fonctions d'un voile de mystère, et rendent impossible toute éducation sexuelle rationnelle. L'école remplira son devoir graduellement, selon les âges, «occasionnellement» d'abord, mais elle se basera toujours sur l'observation et sur la science, «sur l'étude des conditions de reproduction chez la plante (tout un monde de poésie) plus tard chez les animaux inférieurs, etc.» Vous voyez la gradation.

N'esta corrente de orientação, o congresso formulou o seguinte programma:

a) E' indispensavel tornar obrigatorio o ensino complementar para assegurar ás futuras mães a aquisição dos conhecimentos scientificos e praticos relativos á criação e educação dos filhos.

b) O programma das escolas de raparigas deve ter em vista ministrar uma instrucção pratica de biologia geral baseada sobre a observação e experimentação d'alguns factos precisos caracterizando os phenomenos essenciaes da vida. Esses conhecimentos muito geraes devem ser applicados ao estudo das plantas, dos animaes, do ser humano, sem exceptuar as funções de reprodução.

c) Esta applicação será feita por occasião da observação da creança nos diferentes periodos do seu desenvolvimento. Servirá para esclarecer as raparigas sobre a importancia da physiologia e da hygiene da maternidade, sobre o instincto maternal, sobre a dignidade do casamento, sobre as difficuldades da amamentação, sobretudo da amamentação artificial, sobre a necessidade de uma preparação para a pedagogia maternal e d'um conhecimento elemental da psychologia infantil.

d) A observação das creanças pelas raparigas deve fazer-se desde a escola primaria e nos diferentes meios em que ellas se desenvolvem: na familia, na creche, no jardim d'infancia, na escola, nas consultas pedotechnicas. etc.

Quanto ás mães que possam e desejem instruir-se:

a) As consultas pedotechnicas (para mulheres gravidas, creanças de leite, creanças de idade escolar, adolescentes sujeitos ao trabalho profissional) devem constituir por toda a parte um annexo da escola.

b) O seu fim deve ser assegurar a observação e a vigilancia do desenvolvimento da creança em todas as phases da sua evolução:

c) O seu papel deve ser coordenar todos os esforços feitos para fornecer á creança as melhores condições de desenvolvimento, procurando obter dos paes e dos educadores todas as informações uteis á cultura da creança e iniciando-os nas multiplas difficuldades do seu encargo.»

E' claro que tudo isto são questões de *luxo* para nós, portugueses. Tomaremos nós ensinar a ler, escrever e contar esses milhões de analphabetos que são a vergonha e chaga d'esta patria! N'este congresso o presidente da sessão inaugural foi o sr. Buis, ex-burgomestre de Bruxellas e fundador da Liga belga do ensino, o qual, segundo o periodico que temos á vista e em que bebemos estas informações, saudando os congressistas, em nome da liberdade, felicitou os paizes que tinham o ensino obrigatorio, reclamando-o tambem para a Belgica *au nom des cent vingt mille illettrés dont l'ignorance est un fardeau pour les consciences généreuses du pays.*

Cento e vinte mil! A Belgica tem cento e vinte mil analphabetos! E não tem o ensino obrigatorio! E é uma monarchia catholica! Nós temos quatro milhões e duzentos mil analphabetos, temos o ensino obrigatorio e... republica!

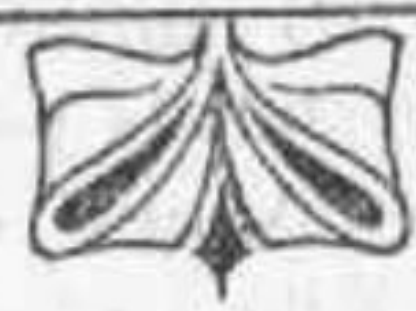
Que parodia!

E qualquer dia vamos tambem ter a *pedotechnia* e tudo o mais que começa por *pei* e acaba por *ico, ica, isco, isca, io, ia.*

Que parodia! Que parodia!

Entretanto, a questão que fica debatida é interessante e todos os espiritos cultos necessitam de estar em dia com todas as questões que directa ou indirectamente se liguem com a liberdade dos povos e o progresso das nações.

VÁRIA



COMPARANDO

Sociedade internacional para a acção moral e social

A Sociedade internacional para a acção moral e social, fundada na Suíça pelo professor Forel e por A. Knapp, nasceu do desejo de aliar a um espirito absolutamente livre pensador um novo sentimento religioso. Pretende também dar aos seus membros o conforto moral que os fieis buscavam na religião e oferecer-lhes, em lugar do padre, para os momentos solennes da vida, de que, até aqui, a Igreja se tem occupado, personalidades de uma perfeita cultura moral, capazes de organizar condignamente qualquer cerimonia exclusivamente laica. Eis um extracto do appello dirigido ao publico pelo professor Forel:

«Emquanto que, apesar de seus dogmas insustentaveis, funestos para o espirito, e que constituem um entrave aos progressos da sciencia e mesmo d'uma ethica mais elevada, as religiões teem procurado e sabido consolar e fortalecer as almas, sobretudo nas horas sombrias da existencia, a cultura puramente moral e o livre pensamento teem, sem duvida, rasgado livremente o espirito, mas não teem dado ao coração alimento algum. E, comtudo, o homem tem, em alto grau, necessidade de um tal alimento.

Algumas pessoas, inspiradas n'estas considerações fundaram em fins do anno de 1908, a Sociedade internacional para a acção moral e social. Tem a sociedade por fim agrupar o maior numero possivel de pessoas profundamente imbuidas de idéas moraes e sociaes, conscientes da sua responsabilidade social e possuindo a energia precisa para se não quedarem na theoria, mas obrarem pratica e energicamente.

E' nossa intenção pôr-nos á disposição de todos aquelles que o desejem ou ainda d'aquelles aos quaes o padre recusasse os seus serviços para enterros, casamentos, baptizados, etc., e esperamos poder, com o tempo, satisfazer esta necessidade urgente por meio de allocuções, segundo as circumstancias, por individuos capazes de corresponder a um tal desideratum.

Desejamos egualmente chegar a exercer a nossa influencia junto da mocidade, atrahindo á nossa obra os professores e as mães. E' desnecessario dizer que na nossa sociedade reconhecemos á mulher os mesmos direitos do homem.

Toda a organização será dirigida pelo conselho central estabelecido em Berne, e que se encontra habilitado a fornecer todos os esclarecimentos necessarios.

Contamos já com a collaboração de numerosas personalidades (homens e mulheres) eminentes pelos seus trabalhos scientificos ou sociaes, e em varios paizes civilizados dispomos de dedicados amigos devotados á nossa obra. Dirigimo-nos de preferencia aos intellectuaes que se dedicam á acção social.

Tão depressa possamos dispôr de elementos e de organização indispensavel encetaremos uma grande propaganda nas massas populares.»

*

Escolas de jornalismo

O ensino profissional do jornalismo tem sido tentado, com mais ou menos resultado, em varios paizes. Em 1899 foi fundada em Paris uma escola do genero, instituição essencialmente academica onde se fizeram conferencias varias relativas á imprensa.

Em Lille, Eugène Tavernier organisou uma serie de conferencias sob o thema *Deveres do jornalismo*. Em Londres, William Routh tomou a iniciativa da *Victorian School of Journalism*, na qual se demonstrava não sómente a arte de fazer um artigo, mas ainda o que dizia respeito á composição typographica de um jornal. Na America teem-se instituido em varias universidades cursos de jornalismo, com lições de reportagem. A Suíça e a Allemanha teem seguido brillantemente o movimento iniciado.

E' unanime o accordo de que o jornalista terá que possuir não sómente conhecimentos technicos da sua profissão, mas ainda aptidões diversas, dons naturaes, qualidades de iniciativa que se não aprendem nos bancos das escolas.

Se se funda uma escola de jornalismo, em Portugal, moldada em bases de absoluta utilidade, muitos dos actuaes jornalistas teriam, não ha duas opiniões a tal respeito, de aprender outro officio.

*

Questões sociaes

O *Local Government Board* acaba de publicar uma série de estatisticas interessantes. Em 1908, o numero de obitos por 1:000 habitantes, foi de 15 na Inglaterra, de 16 na Belgica, de 18 na Prussia, de 20 na França. A mortalidade infantil é consideravel na Russia, 268 por 1:000.

Exclusivamente a Inglaterra accusa um consideravel progresso social ha cincoenta annos a esta parte.

Os pobres são menos numerosos. As caixas economicas progredem notavelmente. As habitações operarias, graças aos municipios, teem melhorado consideravelmente. As doenças contagiosas diminuem. A proporção entre o custo da vida e o salario accusa uma relativa superioridade nos salarios. Em summa a Inglaterra começa a fazer face ás exigencias de uma vida social cada vez mais complexa e exigente. Resta por resolver o terrivel flagello da falta de trabalho.

*

Jazigos d'uranito

O engenheiro inglez Marsh acaba de descobrir proximo da cidade da Guarda, n'uma extensão de 1:600 metros de largura por 2:400 de comprido, jazigos d'uranito.

E' um sitio todo em rochedos e d'onde o precioso elemento pôde ser extrahido sem difficuldade. Encontrou-se o uranito a 60 metros de profundidade. Calcula-se que se possam extrahir 1:000 toneladas de mineral por mez.

*

Bibliothecas populares

No recente congresso internacional de bibliographia, em Bruxellas, M. Pierre Nenkoff, bibliothecario da cidade de Plevna, apresentou um interessante relatório sobre as bibliothecas populares na Bulgaria. São as associações operarias que as fundaram e mantem. Por aqui se deduz que o pequeno povo balkanico vae muito mais além na educação do que Portugal.

Os republicanos portuguezes, como todo o nosso povo em geral, soffrem d'um *snobismo* agudo, o que não pouco concorreu para a revolução que produziu a queda da monarchia e o advento da republica. Elles viram despotismos e carrascos em tudo e em todos. Elles julgavam-se victimas de tyrannias e martyrios como os deportados da Siberia. Consequentemente, elles conspiraram e mataram como na Russia os nihilistas e como em Barcelona os anarchistas. Ora n'uma publicação socialista muito interessante: *Les Annales de la Régie Directe*, encontramos nós um artigo curioso para demonstrar o que é a *panria* portugueza a par do trabalho e do soffrimento russo.

Na Russia os operarios chegam a trabalhar 18 horas por dia! Os ferreiros municipaes de S. Petersburgo trabalham 11 horas por dia. Os jardineiros 12 horas e meia, em media, mas, muitas vezes, trabalham 17 horas. Isto sem excepção de domingos nem de dias feriados e quer chova quer vente.

Os sapadores bombeiros de Samaria teem um dia normal de trabalho de 13 horas. Em Odessa, a duração do dia de trabalho dos operarios municipaes é de 15 horas e meia. Em Saratow, os magarefes trabalham desde as 4 horas da manhã até ás 8 da tarde, e *mais ainda*, em certas occasiões. Emfim, em Poltawa, os operarios do serviço municipal das aguns trabalham 18 horas!

Mas se ainda ao menos tivessem livre o domingo! Não teem. Os empregados do tramway não teem um unico dia livre por semana. Nem os da iluminação, nem os dos telephones, nem os dos matadouros, nem os das aguas, nem os dos jardins publicos, nem muitos outros. Teem ao menos um salario elevado? Qual!

A municipalidade de S. Petersburgo confessa n'um dos seus relatorios que «o salario actual é muitas vezes insufficiente para satisfazer as necessidades mais urgentes, ainda as mais urgentes, do operario.» Reconhece que um grande numero d'operarios municipaes d'aquella cidade teem um salario «de tal modo insignificante que não lhes é possivel pagar a dormida, sendo forçados a abrigar-se em qualquer canto humido ou n'um asylo nocturno.» Declara que esse salario não vae alem de 16 a 18 rublos por mez, ou 42 francos e 56 centimos a 47 fr. 88, tendo o rublo 2 fr. 66, em moeda portugueza 7\$560 a 8\$620 réis. «Este salario, continua dizendo a municipalidade no seu relatorio, que não é proporcional ao trabalho fornecido, nem ao custo da vida na capital, deixa os operarios em condições materiaes que destroem a sua saude e teem uma influencia terrivel sobre a sua moralidade.»

A revista citada, e no artigo referido, commenta: «As administrações municipaes notam a insufficiencia completa do salario em todos os outros ramos da economia municipal em S. Petersburgo, a sua desproporção com as necessidades dos operarios, a sua notavel inferioridade em relação á media dos salarios do trabalho livre, o mal que d'ahi se segue, tanto para os operarios acabrunhados de miseria como para a propria Municipalidade, collocada na impossibilidade de ter um contingente estavel de bons operarios. Na sessão do conselho municipal de S. Petersburgo de 29 d'abril de 1905, os membros do conselho confessam *que a situação dos operarios e dos empregados é insupportavel.*»

Nas outras cidades succede a mesma coisa. Os sapadores bombeiros de Samaria ganham 143 rublos por anno (menos de 70\$000 réis) e reclamam que esse salario lhes foi dado ha dez annos, que d'então para cá o preço dos generos de primeira necessidade triplicou, o que os colloca na impossibilidade absoluta de poderem acudir ás mais urgentes necessidades da familia. A imprensa d'Odessa indica a extrema insufficiencia do salario dos operarios e dos empregados municipaes da localidade. Um membro da municipalidade de Tifflis observa: «Os nossos operarios municipaes teem um salario de 15 a 16 rublos por mez, o que é insufficiente para a satisfação das suas necessidades quotidianas, attendendo ao custo da vida em Tifflis.» Dão-se factos analogos em Saratow, Gonslaw, etc.

Na doença, ao menos, dão os municipios russos qualquer garantia aos operarios? Nenhuma. Adoecem? São despedidos. Vão para a rua!

Ha uma unica excepção: o municipio de S. Petersburgo. Esse *tolera* que os operarios estejam doentes dez a doze dias. Durante esse periodo não os despede nem os priva do salario. «Todas as outras municipalidades lançam ao maior desprezo a saude dos seus operarios, o que forçou os bombeiros de Samaria a formularem o pedido que se segue: *Visto estarmos expostos, como todos os seres humanos, a todas as doenças, pedimos que ninguem seja despedido por motivo de doença durante duas semanas d'interrupção forçada de trabalho, e que em casos de doença grave possa, mediante consulta do medico, ser esse praso prolongado.*»

Emfim, o operario na Russia, tanto socialmente, como politicamente, — nem lhe era permittida, ainda ha poucos annos, a passagem pelos passeios das ruas, — vive n'uma meia escravidão.

Não é, de fórma nenhuma, a situação do operario portuguez, embora a situação d'este, sob muitos pontos de vista, não seja boa; d'aqui, porém, até clamar tyrannia como na Russia, pretendendo justificar, entre nós, os processos dos nihilistas, vae uma differença enorme.

Isto é o paiz dos exaggeros.